



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS APLICADA E EDUCAÇÃO
CURSO DE BACHAREL EM ECOLOGIA

Etnoecologia da mariscagem: o cotidiano das mulheres indígenas na coleta
do molusco *Anomalocardia brasiliana* na aldeia Potiguara Tramataia

Rio Tinto
2020

LILIANE MONTEIRO BARBOSA

Etnoecologia da mariscagem: o cotidiano das mulheres indígenas na coleta do molusco *Anomalocardia brasiliana* na aldeia Potiguara Tramataia

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade Federal da Paraíba como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Ecologia.

Orientador: Prof. Dr. Anderson Alves dos Santos

Rio Tinto
2020

LILIANE MONTEIRO BARBOSA

Etnoecologia da mariscagem: o cotidiano das mulheres indígenas na coleta do molusco *Anomalocardia brasiliana* na aldeia Potiguara Tramataia

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a Universidade Federal da Paraíba como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Ecologia.

Aprovado em 13 de Novembro de 2020

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Anderson Alves dos Santos
Orientador – DEMA (UFPB)



Profa. Dra. Carla Soraia Soares de Castro
Examinador interno – DEMA (UFPB)



Profa. Dra. Amanda Christinne Nascimento Marques
Examinador externo – DCSO (UFPB)

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

L479e Barbosa, Liliane Monteiro.

Etnoecologia da mariscagem: o cotidiano das mulheres indígenas na coleta do molusco *Anomalocardia brasiliana* na aldeia Potiguara Tramataia / Liliane Monteiro Barbosa. - João Pessoa, 2020.
44 f. : il.

Orientação: Anderson Alves dos Santos.
TCC (Graduação) - UFPB/CCAE.

1. Etnociência. 2. Indígenas. 3. Pesca artesanal. I. Santos, Anderson Alves dos. II. Título.

UFPB/CCAE

CDU 639



ATA DE DEFESA DE TCC

Aos 13 dias de novembro de 2020, sob a presidência do Professor Doutor ANDERSON ALVES DOS SANTOS, reuniram-se os membros da banca examinadora, a Professora Doutora CARLA SORAIA SOARES DE CASTRO e a Professora Doutora AMANDA CHRISTINNE NASCIMENTO MARQUES, em sala virtual, devido a suspensão das atividades presenciais na UFPB provocada pela Pandemia da covid-19, para avaliar a Monografia da acadêmica **LILIANE MONTEIRO BARBOSA**, como requisito para a conclusão do Curso de Ecologia desta Universidade. A presente Monografia tem como título: **“ETNOECOLOGIA DA MARISCAGEM: O COTIDIANO DAS MULHERES INDÍGENAS NA COLETA DO MOLUSCO ANOMALOCARDIA BRASILIANA NA ALDEIA POTIGUARA TRAMATAIA”**, e foi orientada pelo Professor Doutor ANDERSON ALVES DOS SANTOS. Após análise, foi atribuída média final 9,7 (nove vírgula sete), estando a candidata então Aprovada.

Por ser verdade firmamos o presente.

Anderson Alves dos Santos

Carla Soraia Soares de Castro

Dedico este trabalho as marisqueiras da aldeia Tramataia, que me ensinaram muito com o trabalho da mariscagem, são verdadeiras guerreiras Potiguara. E a minha mamãe “Lilia” que sempre esteve me enchendo de motivação nas minhas decisões acadêmicas.

Sumário

1 Introdução	7
2 Fundamentação teórica.....	8
2.1 A mulher na mariscagem.....	11
2.2 Atividades tradicionais no território indígena Potiguara	13
3 Procedimentos metodológicos.....	15
3.1 Área de estudo.....	17
3.2 Coleta de dados	17
4 Resultados e discussões	19
4.1 Dados socioeconômicos e descrições etnográficas da mariscagem	19
4.1.1 Faixa etária das entrevistadas.....	19
4.1.2 Nível de escolaridade.....	20
4.1.3 A Percepção Indígena sobre a Comunidade.....	21
4.1.4 Saberes e conhecimentos socioambientais na comunidade	23
4.1.5 Conhecimento e Saberes Indígenas: representações, memória e significados (sociais, culturais e ambientais)	30
5 Considerações finais	33
Referências	35
ANEXO I - FORMULÁRIO PARA ENTREVISTA	42
ANEXO II - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	43

Etnoecologia da mariscagem: o cotidiano das mulheres indígenas na coleta do molusco *Anomalocardia brasiliiana* na aldeia Potiguara Tramataia

Resumo

Os estudos das etnociências vem constituindo uma área muito importante para entender como alguns grupos tradicionais se relacionam com os recursos naturais, sobre a forma de manejo e conservação. Nessa perspectiva surge a etnoecologia onde busca as relações de grupos tradicionais com os recursos naturais relacionados aos seus conhecimentos, culturas e crenças. Por isso o objetivo da pesquisa é analisar como o conhecimento tradicional das marisqueiras indígenas potiguara colaboram com a conservação do molusco *Anomalocardia brasiliiana* na Aldeia Tramataia. Para isso, adotou-se a pesquisa qualitativa, com procedimentos metodológicos etnográficos, questionários semiestruturados com a técnica “bola de neve” e observação direta, onde foram entrevistadas ao todo 8 marisqueiras. Diante disso, foram analisados os perfis socioeconômicos, vivência na aldeia, coleta e atividade da mariscagem, conhecimentos relacionados aos recursos naturais e seus saberes sobre a natureza. Portanto, acredita-se que as marisqueiras apesar de não serem valorizadas, e não ter apoio das políticas públicas do setor pesqueiro na aldeia detém um saber de grande relevância para a conservação e manejo da espécie *Anomalocardia brasiliiana*, assim como contribuem para a comunidade indígena com a tradição dessa identidade feminina nas atividades relacionadas ao manguezal.

Palavras-chave: Etnociência; Indígenas; Pesca artesanal.

Ethnoecology of shellfish: the everyday of indigenous women in the collection of mollusco *Anomalocardia brasiliiana* in the village Potiguara Tramataia

Abstract

Ethnoscience studies have been a very important area to understand how some traditional groups relate to natural resources, on the way of management and conservation. In this perspective, ethnoecology arises, which seeks the relations of traditional groups with natural resources related to their knowledge, cultures and beliefs. For this reason, the objective of the research is to analyze how the traditional knowledge of indigenous potiguara shellfish collectors collaborates with the conservation of the *Anomalocardia brasiliiana* mollusk in Aldeia Tramataia. For this, qualitative research was adopted, with ethnographic methodological procedures, semi-structured questionnaires with the “snowball” technique and direct observation, where a total of 8 shellfish gatherers were interviewed. In view of this, the socioeconomic profiles, experience in the village, collection and seafood activity, knowledge related to natural resources and their knowledge about nature were analyzed. Therefore, it is believed that shellfish gatherers, despite not being valued, and not being supported by public policies in the fishing sector in the village, have a knowledge of great relevance for the conservation and management of the species *Anomalocardia brasiliiana*, as well as contributing to the indigenous community. the tradition of this female identity in activities related to mangroves.

Keywords: Ethnoscience; Indigenous people; Artisanal fishing.

1 Introdução

Os povos de comunidades tradicionais desenvolvem uma grande sabedoria em torno da natureza, o modo como se relacionam e utilizam os recursos naturais são vistos como menos devastador, e estão sempre buscando estratégias para conservação desses recursos para as futuras gerações. Destacando-se a atividade de pesca, aponta-se a pesca de pequena escala desenvolvida por algumas aldeias do território Potiguara é uma atividade de bastante relevância para os indígenas que habitam nas margens dos manguezais, praias, rios e em todo o território. A partir dessas atividades, constitui-se uma relação com a natureza em diferentes aspectos, atrelando-se aos saberes ecológicos constituídos na cultura indígena, por meio da vivência com o sagrado e desenvolvimento da economia local.

Uma das atividades tradicionais de pesca desenvolvida especialmente pelas mulheres indígenas potiguara é a mariscagem. Também chamadas de marisqueiras, atuam participando da pesca até a comercialização. Assim, elas constituem uma identidade própria com a cultura e com o ecossistema de manguezal, à medida em que coletam o molusco da espécie *Anomalocardia brasiliiana*, conhecido popularmente como marisco.

A pesquisa toma como enfoque a mariscagem desenvolvida por mulheres indígenas da aldeia Tramataia, situada no município de Marcação litoral norte da Paraíba e constituinte do território Potiguara. Essas mulheres têm uma grande importância nas suas famílias e no ambiente onde praticam a atividade, contribuindo na segurança alimentar, para a continuação de uma prática de atividade de pesca desenvolvida em comunidades tradicionais litorâneas e na conservação dos recursos marinhos consumidos.

A pesquisa é desenvolvida em uma das comunidades do povo a qual pertenço, e tem como justificativa, a oportunidade de contribuir com o conhecimento da atividade de pesca das marisqueiras, interligando o saber científico do campo da ecologia ao conhecimento tradicional local. Ainda na colaboração de planejamentos de estratégias de gestão e conservação desses recursos naturais explorados na comunidade indígena.

O objetivo geral deste estudo é analisar como o conhecimento tradicional das marisqueiras indígenas potiguara colaboram com a conservação do molusco *Anomalocardia brasiliiana* na Aldeia Tramataia. Como objetivos específicos, destacam-se: Descrever os procedimentos de pesca realizados pelas marisqueiras da aldeia Tramataia; Debater sobre a condição socioeconômica das marisqueiras; Apresentar a visão das marisqueiras sobre a continuidade da prática da mariscagem por seus filhos e netos; Discutir sobre o conhecimento

tradicional da mulher indígena Potiguara com enfoque na afirmação da identidade e na conservação do meio ambiente.

No decorrer do texto será apresentada uma sinopse da nossa leitura acerca da etnoecologia, da mulher na mariscagem e atividades tradicionais no território indígena, bem como serão apresentadas informações coletadas por meio de entrevistas estruturadas e semiestruturadas aplicadas com as marisqueiras. As autorizações para a realização da pesquisa foram concebidas pela liderança local da comunidade, pelo Departamento de Engenharia e Meio ambiente, pelo comitê de ética em pesquisa da UFPB, e está passando pelos últimos procedimentos de aprovação na Comissão Nacional de Ética em Pesquisa do Conselho Nacional de Saúde do Ministério da Saúde e CNPq.

2 Fundamentação teórica

Os conhecimentos advindos das comunidades tradicionais constituem uma importante base para os estudos acadêmicos que buscam entender alguns processos naturais, bem como, elucida o modo que as comunidades tradicionais se relacionam com a natureza. Um exemplo disso, depreende-se da identificação de pesquisas relacionadas à agricultura, e sobre a utilização de plantas medicinais com enfoque na manutenção da biodiversidade e conservação dos recursos naturais, estão com frequência buscando apoio nos conhecimentos das comunidades tradicionais (ARAÚJO e SOUZA, 2018; DARIO, 2018; MENEZES e DOS SANTOS, 2019; BRITO, e POZZETTI, 2017).

Dessa forma, há algum tempo o campo científico da antropologia vem se inquietando em desbravar e entender como as populações indígenas se relacionam com a natureza. Foi uma das primeiras ciências que iniciou o interesse pelos saberes indígenas, destacando-se como os povos se relacionam e sobrevivem com os recursos naturais. Os povos indígenas detêm uma formação diferente das sociedades convencionais e na maioria das vezes não são alfabetizadas no padrão das escolas formal, mas não é por isso que deixam de possuir um entendimento capaz de se organizar e ter suas próprias percepções (RIBEIRO, 2014).

Algumas áreas das ciências começaram a desenvolver esse olhar, Carneiro (2008) chama de etnociências o campo de interlocuções entre as ciências naturais, humanas e sociais, onde se busca estabelecer vínculos significativos com os conhecimentos típicos das comunidades. Esse campo do conhecimento, de modo geral, abrange um conjunto de disciplinas

que têm em comum o estudo dos sistemas locais de conhecimento e processos de um determinado grupo (Prado, 2015).

Little (2002) afirma que embora os primeiros estudos etnocientíficos marcam a década de 1950, a etnociência como campo de estudos chegou à maturidade somente na década de 1980, e nos anos seguintes onde vem crescendo em variadas direções como: a etnobotânica com estudos voltados às espécies de plantas utilizadas pelas comunidades tradicionais, em diferentes funções, seja como no uso medicinal, no combate de vermes, fungos e bactérias (ALBUQUERQUE et al. 2014), a etnozoologia que vem tratar dos recursos faunísticos, da relação da comunidade com os animais, sejam sentimentos, percepções e utilização (MARQUES, 2002), a etnoictiologia buscando entender as relações de proximidade do ser humano com os peixes, a taxonomia, comportamentos e diferentes percepções (MARQUES, 1995) e por último a etnoecologia que dialoga entre a compreensão dos sentimentos de relação da sociedade com a natureza, crenças, valores e o modo de viver de um determinado grupo, buscando sempre a ligação dos saberes ecológicos científicos e tradicionais (BEGOSSI et al. 2002).

Portanto, essas ciências vêm dando embasamento teórico aos conhecimentos tradicionais de diversos estudos, onde permite interligar o saber científico com o tradicional. Segundo Chirstina et al. (2007 p. 455), as etnociências podem, por exemplo, aprender muito com o conhecimento ecológico tradicional de um determinado grupo, reconhecendo que é uma fonte de informação nova, onde pode contribuir em várias investigações e entender as dinâmicas dos ecossistemas que se pretende investigar, e a partir desses saberes compartilhados propor colaborações as comunidades.

Os autores Clauzet (2003) e Lopes (2004) reafirmam e apontam uma grande importância dessas comunidades nos estudos e criações de planos sustentáveis. Partindo especificadamente para a etnoecologia como ramo da etnociência, compreende-se a integração entre o saber acadêmico e o saber tradicional na área da ecologia, já que é voltada para o estudo do conhecimento dos grupos humanos, suas práticas e crenças em relação ao ecossistema (DIEGUES, 2000; CAMPOS, 2001).

Para Toledo (1992) e Nazarea (1999) a etnoecologia caracteriza-se com um enfoque ou abordagem teórico-metodológica no estudo da relação sociedade-natureza, que traz um papel do conhecimento no comportamento humano, apresentando ferramentas úteis para analisar problemas relacionados com o manejo, sustentabilidade, conservação e senso-comum. Marques (2001, p.49) também apresenta uma definição para etnoecologia como uma importante contribuição nas ciências e como disciplina, onde a etnoecologia considera todas as relações

interdisciplinares que envolve os grupos tradicionais com o meio ambiente, discutindo como se relaciona biologicamente e culturalmente com os recursos extraídos da natureza, fazendo-se essa troca de saberes científico e do senso comum.

Salienta-se que três termos bastantes significativos são incorporados na etnoecologia: *cosmus*, *corpus* e *praxis* (DIEGUES; ARRUDA, 2001). O *cosmus* que são as crenças ligadas aos mitos, momentos espirituais e rituais de um povo, ligados diretamente com a cultura e o folclore local (TOLEDO; BARRERA-BASSOLS, 2008). O *corpus* é todo o conhecimento local da população, ligado ao ambiente em que vivem e sua relação com ele. Essa expressão também faz referência a utilização dos recursos, alimento, moradia, matéria-prima para a confecção de utensílios, armadilhas, entre outros, e pautando-se no individual ou coletivo de toda a comunidade. Por fim, a *praxis*, representada pelas pinturas, meios de artesanatos e ritos. Essas expressões revelam-se como conhecimentos passados entre as gerações, através da oralidade e do aprendizado pela repetição dos mais jovens do grupo e núcleo familiar (WINKERPRINS; BARRERA-BASSOLS; 2005; NASCIMENTO et al. 2014).

Todas essas relações são inteiramente ligadas às comunidades tradicionais, bem como as indígenas, quilombolas, camponeses, pescadores, entre outras. Apontando-se como exemplo para o território brasileiro, no ano de 2007 foi criada a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais, onde são declarados como povos e comunidades tradicionais diferenciados, aqueles que possuem sua própria cultura, ocupam seu território e usam os recursos naturais locais para subsistência e com base na tradição (BRASIL, 2007). Portanto, essas comunidades estabelecem uma valoração em relação ao seu modo de tratar os recursos de seu território, seja na conservação, na sua tradição que já vem estabelecida há várias gerações reproduzindo essas práticas culturais com os recursos naturais, ou seja na reprodução social constituída.

Rios (2019) ainda coloca que essas comunidades possuem vínculo territorial, identificação com um ecossistema específico, onde causa uma apresentação da sua cultura enquanto grupo social. As comunidades tradicionais carregam consigo um espaço de pertencimento, de criação, construído de resistência, formando sujeitos autocríticos do seu próprio modo de viver. Por isso os estudos acadêmicos colaborando com essas perspectivas de diversos grupos tradicionais, integra diálogos de base para entender as culturas, assim como, propor ações para se constituir relações harmônicas com um ambiente mais equilibrado, não deixando de caminhar juntas as práticas tradicionais do povo e as científicas.

2.1 A mulher na mariscagem

O Brasil é um país de extenso litoral e as atividades de pesca nas comunidades tradicionais tem uma grande importância no perfil socioeconômicos das famílias, como também constituem uma grande função na conservação desses recursos, porém a atividade de pesca ainda sofre com o incipiente apoio de políticas públicas governamentais (ALVES et al. 2017). O movimento dos pescadores e pescadoras artesanais, apresentam reivindicações por políticas públicas, pois a prática pesqueira é parte de sua existência enquanto grupo social e tradicional (MPP, 2014).

A pesca brasileira foi classificada por Diegues (1995), em três principais ramificações, sendo chamadas: (i) Subsistência, fundamentada na economia da troca; (ii) Pequena Produção, que pode ser subdividida entre pescadores lavradores e pescadores artesanais, e (iii) Empresarial, com base econômica capitalista.

Dentre as várias espécies que podem ser pescadas, consumidas e comercializadas há os moluscos. Baracho (2016) afirma que eles constituem a base alimentícia e econômica de diversas comunidades costeiras no mundo, os descreve como um dos primeiros recursos marinhos a serem utilizados pelos seres humanos. Para as comunidades que vivem perto dos manguezais, eles constituem uma fonte de recursos habitual.

Os moluscos se encontram em uma categoria de atividade da pesca predominante do sexo feminino, não sendo bem acompanhadas pelo sexo masculino, sendo chamada de mariscagem, sendo também praticada em pequena escala. A mariscagem é uma atividade desenvolvida em comunidades tradicionais com estreita relação com o mangue. Para a realização da coleta dos moluscos utiliza-se as mãos ou alguns instrumentos e considera-se que esses procedimentos não causam muitos impactos ao ecossistema (STOPILHA, 2015, pag. 21).

Calazans (2017) realizou uma pesquisa com homens e mulheres atuantes na atividade da mariscagem e foi ressaltado que a atividade de pesca realizada no mar é “pesada”, porque utiliza bastante a força física. Já a mariscagem é classificada como atividade “leve” por ser praticada na parte mais rasa do manguezal, onde também requer paciência, por isso é reconhecida como mais adaptada para as mulheres. Essas discussões relacionadas às atividades de pesca, influenciam nas discussões de gênero, de modo que Brummet (2010) considera que a mulher exerce um grande papel de força na pesca, no entanto, não são reconhecidas. Em uma pesquisa realizada na Reserva Extrativista Marinha de Corumbau, as mulheres exercem atividade de pesca nos riachos, que os homens consideram perigosas, e por isso, eles deixam para as mulheres.

A pesca do marisco acontece quando a maré está baixa e os costões rochosos ficam expostos. Nesse momento, surge uma grande faixa de areia onde podem ser coletados moluscos de diferentes espécies. No entanto, nos dias de hoje, as técnicas de pescas estão se aperfeiçoando com outras maneiras de coleta do molusco, mas cada comunidade tradicional que exercem a prática desenvolve de acordo com suas particularidades.

A mariscagem é uma das atividades que se faz mais presente na base econômica social dessas comunidades tradicionais pesqueiras, e praticamente se estende o ano todo, mesmo havendo algumas restrições com a escolha dos moluscos e período do ano. A coleta com muita frequência pode estar ligada com as necessidades da comunidade que buscam melhorias para a família (CIDREIRA-NETO et al. 2018; DIEGUES e ARRUDA, 2001; GOMES et al. 2017).

A espécie de molusco coletada pelas marisqueiras apontadas na presente pesquisa é a espécie de bivalve *Anomalocardia brasiliiana*, muito conhecido no litoral brasileiro e chamado por elas de marisco. É a espécie que se faz mais presente na base econômica familiar dessas mulheres e como também é bastante consumido em suas próprias casas, converte-se em importante fonte alimentícia (ARAÚJO, 2015).

O *Anomalocardia brasiliiana* é uma espécie de molusco bivalve lamelibrânquio, da família veneridae, com cerca de 500 espécies (CANAPA et al. 1996), bastante comum ao longo de todo litoral brasileiro (RIOS, 1994), habita áreas protegidas da ação de ondas e correntes, na faixa entre marés e no infralitoral raso, onde se enterram a pequenas profundidades no substrato areno-lodoso (BOEHS e MAGALHÃES, 2004).

A prática da pesca do marisco contribui com a construção de relações de cultura e identidade realizadas de forma conjunta pelas famílias e criadas a partir de experiências vividas pelas comunidades (RAMIRES; MOLINA; HANAZAKI, 2007). Desse modo, construindo uma gama de conhecimento agregado à conservação dos recursos extraídos, passando a ser conhecido como conhecimento ecológico tradicional local (PAZ & BEGOSSI, 1996).

Esses tipos de conhecimentos estão presentes nas vidas das mulheres marisqueiras, que as conduzem a sair de casa para coletar o marisco, deixam seus afazeres domésticos e se dedicam a essa atividade, buscando ajudar na base econômica da família, na alimentação e educação de seus filhos. Segundo Harper (2013) os homens são considerados os que praticam as atividades mais pesadas ou até mesmo cansativas. No entanto, as marisqueiras realizam as tarefas do lar, direcionam os filhos e outros trabalhos. A visão quanto a essa relação constitui um pensamento ultrapassado. Quando saem de casa para pescar, comumente formam um grupo, composto por mulheres de diferentes idades, mas podendo encontrar até mesmo crianças entre

elas. A presença das crianças permite a sua familiarização com o ambiente e permite adquirirem os conhecimentos que fazem parte de sua história de vida.

O esforço coletivo do grupo social em ocupar, usar e controlar os recursos é um meio de se identificar com uma parcela específica de seu ambiente, convertendo-se assim em seu território, onde uma identidade é construída, valorizada pelos grupos que ali desenvolvem suas atividades, passando a ser permanente na comunidade e replicada por gerações (Little, 2002, p. 03). Além disso, as mulheres tem facilidade de trabalhar em grupos, e constitui percepções diferentes dos homens, principalmente no que compõem a realidade, por isso são importantes na participação das tomadas de decisões (BRUMMETT, 2010).

Na ida à atividade realizada na maré, algumas mulheres possuem suas próprias embarcações, outras que não têm se juntam com quem tem ou pegam emprestada. São levados os seus instrumentos de trabalho, consistindo de colheres para escavação, baldes e sacos plásticos para o transporte do marisco coletado, ou utilizam as próprias mãos ou outro tipo de técnica e material para realizar a atividade. Buscando desenvolver a atividade de coleta do marisco, o trabalho é exaustivo, onde passam horas curvadas coletando o molusco e carregando fardos pesados (MENEZES, 2015).

Segundo Ramos (2016), entre as mulheres que coletam moluscos de diferentes espécies, há grandes riscos ergonômicos, como: sobrecarga muscular no pescoço, ombros, costas, membros superiores e região lombar, por ser uma atividades repetitiva. Um exemplo que ocorre é quando as mulheres retornam das atividades de pesca, pois, trazem consigo baldes apoiados sobre suas cabeças carregados de marisco ainda dentro de suas conchas, isso pode causar desconforto e dor. Além do mais, há outros riscos relacionados com o excesso de exposição ao sol, por passarem bastante tempo expostas.

As mulheres marisqueiras desenvolvem uma grande responsabilidade desde quando saem de casa até voltar do manguezal e os seus conhecimentos sobre os ecossistemas são de grande relevância para a manutenção da biodiversidade. A herança desse conhecimento deve motivar as futuras gerações para o aperfeiçoamento das técnicas de manejo dos ecossistemas em combinação com a cultura Potiguara.

2.2 Atividades tradicionais no território indígena Potiguara

Desde a chegada dos portugueses a apropriação do território originário foi marcante, ocultando aspectos culturais dos indígenas. Esse contato interferiu no modo de viver, que era totalmente vinculado à natureza. A caça, a pesca e o cultivo de alguns gêneros eram a base da

subsistência do povo primígeno. Hoje em dia não se vive mais dessa forma, a complementação para a subsistência começa a surgir de outras formas de trabalho, mas, a conectividade com a natureza ainda se encontra presente nesses povos originários.

Diegues (2001) distingue dois tipos de populações tradicionais: a indígena e a não indígena. Apesar destes dois conjuntos compartilharem características comuns, no que diz respeito ao conhecimento sobre a biodiversidade, a indígena se particulariza por possuir uma história sociocultural anterior e distinta da sociedade nacional, além da linguagem própria, exercendo um papel significativo na conservação dos recursos naturais. No caso do presente trabalho, frisa-se a conservação de recursos marinhos, como o *Anomalocardia brasiliiana*.

Do mesmo modo, as populações tradicionais indígenas ou locais, exercem impacto sobre os recursos naturais; porém, este impacto é quantitativamente e qualitativamente distinto do impacto causado pela sociedade moderna-urbana (HANAZAKI, 2003, p. 26), que, movidas pelo espírito de consumo e posse, determina o surgimento de paisagens antrópicas como resultado de suas próprias ações sobre o ambiente natural (BRITO, 2006). Os conhecimentos tradicionais dos povos indígenas para a conservação do meio ambiente, praticados desde antes da colonização, são afirmados por Guimarães e Medeiros (2017) como sendo conhecimentos fundamentais para utilizar no manejo dos recursos naturais, são exemplos de forma de uso e ocupação, para solucionar e planejar estratégias de uso dos ambientes naturais sem alterar o ecossistema.

A presente pesquisa toma como enfoque, práticas desenvolvidas no litoral norte da Paraíba, entre os rios Camaratuba e Mamanguape, onde está presente o território indígena Potiguara, que é constituído por 32 aldeias, nas três Terras Indígenas (TIs) num total de 33.757 hectares. A população aproximadamente estimada é de 19 mil indígenas entre habitantes das aldeias e desaldeados, residentes nas cidades de Baía da Traição, Marcação e Rio Tinto, os Potiguara estão concentrados em um extenso litoral, (SILVA e LEITE, 2018).

Os indígenas da etnia Potiguaras residentes da Paraíba, foi o único povo indígena que permaneceu no mesmo lugar desde o início da colonização, resistiram e lutaram contra todos os desmontes dos invasores no período colonial. Em toda a história da Paraíba, se encontram presentes os indígenas Potiguara, que sempre vem buscando os direitos de permanecer em seu território e resistindo na reafirmação da sua cultura no litoral norte (CARDOSO e GUIMARÃES, 2012).

As aldeias que constituem o território Potiguara desenvolvem diferentes atividades tradicionais que fazem parte da cultura, da subsistência e da economia local. Há exemplos como do uso da terra pelos indígenas, o que é bastante comum, pois para eles a terra tem um

significado espiritual e sagrado por oferecer o sustento para a sobrevivência (BATISTA, 2006). O manguezal é outro ecossistema presente em algumas aldeias indígenas Potiguara, onde acontece o desenvolvimento de diversas atividades de pesca para o consumo e comercialização de diversas espécies de crustáceos e atividades de turismo, oferecidas pelos próprios indígenas (CIDRERA-NETO et.al, 2019). Além do mais, o manguezal constitui uma boa parte dos quintais, área de lazer entre outros, dos indígenas, construindo uma ligação ainda mais forte com o ecossistema, desenvolvendo percepções de cuidados com os recursos naturais (SILVA, 2018).

Palitot (2005), relata que essas atividades como a agricultura, diferentes tipos de pesca no manguezal, os artesanatos e algumas atividades relacionadas ao turismo desenvolvidas pelo povo Potiguara passam a ser atividades complementares à aposentadoria, assalariamento urbano e rural, além de programas do governo. Sendo assim, considera-se que esses recursos naturais, existentes nessas comunidades, revelam-se como uma fonte de riqueza, com potencial de extrair naturalmente sua base de sobrevivência, ajudando as famílias que ali moram. A pesca artesanal que, diferente da pesca industrial, é bastante realizada pelos indígenas Potiguara que moram às margens dos manguezais e do mar. Usam técnicas básicas e praticam a atividade causando menos impactos ao ecossistema, o que leva também a formação de grupos que se solidarizam e se sensibilizam com a conservação do meio ambiente, constituindo uma relação afetiva com os recursos naturais (ALMEIDA e BRAGA, 2017).

Diegues (2015) descreve uma das práticas na qual o território tem um grande significado na cultura, ressaltando que as atividades pesqueiras realizadas nesses territórios, constituem relações de respeito e valorização dos envolvidos. A produção do conhecimento tradicional acaba se tornando um saber repassado naturalmente às mais diversas gerações pelas práticas cotidianas. Nesse sentido, as práticas são naturalmente vivenciadas pelas pessoas que a realizam, fazendo com que as relações com esses ambientes sejam passadas tradicionalmente com um significado de permanência. Portanto, com alguns problemas ambientais surgindo, a cultura pode ser afetada, de modo a interferir o seu real significado para a comunidade e seu povo.

3 Procedimentos metodológicos

A pesquisa foi realizada a partir da abordagem de caráter quanti-qualitativo para a compreensão de algumas questões sociais, com influências de técnicas da área da sociologia e

antropologia (HAGUETTE, 1987). Todavia, a proposta é colaborar com o conhecimento em ecologia com base nas práticas e saberes das marisqueiras.

De acordo com Nascimento (2014), a pesquisa qualitativa busca compreender, interpretar e descrever situações que estão relacionadas ao dia a dia, assim como, por meios de entrevistas e conversas formal e informal com os sujeitos da pesquisa. A pesquisa quantitativa trata de interpretar os dados relacionando-se às descrições numéricas, detalhando os dados num contexto de quantificação direto (NEVES, 1996).

A presente pesquisa adotou princípios etnográfico, que permite a convivência com as pessoas num contato mais direto, com os sujeitos e a coletividade. A etnografia é uma maneira de estudar pessoas em grupos organizados, duradouros, que podem ser chamados de comunidades ou sociedades (AGROSINO, 2009). Muitas pesquisas têm abordado esse método na área da etnoecologia (BARROS, 2012; LITTLE, 2002; NASCIMENTO, 2014; LITTLE, 2006; COELHO-DE-SOUZA, 2011). A etnografia nas pesquisas do campo da ecologia, vem possibilitar a oportunidade de presenciar e entender os problemas e conflitos socioambientais das comunidades tradicionais e urbanas, um procedimento mais aproximado dos fatos analisados (ADOMILLI; TEMPASS; DA COSTA, 2017).

E nessa perspectiva etnográfica, de constituir relações amigáveis com o público e as comunidades estabelecidas para a pesquisa, vivenciando o modo de vida e tendo contato direto com o seu objeto de estudo (GEERTZ, 1978), utilizou-se do procedimento da observação, uma técnica de coleta de dados para conseguir informações e que utiliza os sentidos na obtenção de determinados aspectos da realidade (MARCONI; LAKATOS, 1982). Esta abordagem leva o pesquisador a vivenciar de perto o ambiente, as interações e práticas que possam ser relevantes no seu levantamento científico. A observação se caracterizou de forma participante, onde segundo Gil (1989), neste tipo de abordagem, o observador se integra ao grupo com objetivo de realizar uma investigação.

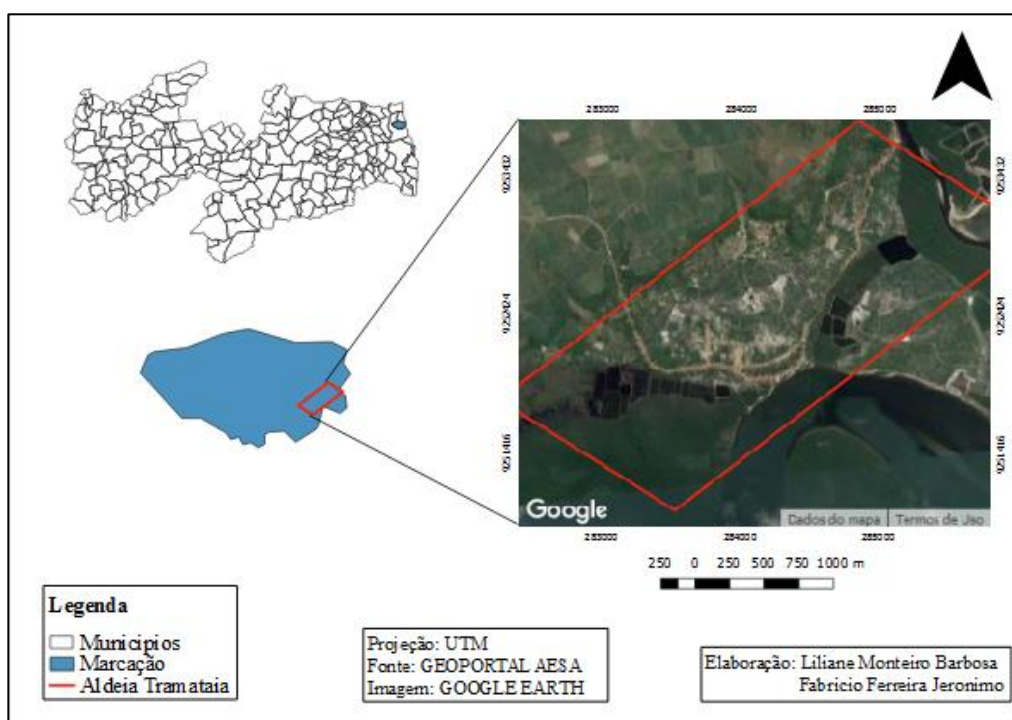
Outro procedimento metodológico utilizado foi o uso de entrevistas a partir de questionários semi-estruturados, utilizados na primeira fase da pesquisa. A técnica usada foi “bola de neve” (snow ball), onde as entrevistadas (marisqueiras) são conhecidas previamente, após serem entrevistadas, indicaram outras possíveis informantes. Essa técnica de pesquisa é de aplicação comum entre comunidades onde se permite uma investigação sociocultural (BALDIN, 2011).

Foi realizada pesquisa bibliográfica em livros, artigos, revistas e documentos que abordam os temas e tudo aquilo que foi escrito sobre os assuntos relacionados à pesquisa. Essa

revisão da literatura permitiu a fundamentação da pesquisa quanto às análises das informações levantadas em campo e por meio das entrevistas.

3.1 Área de estudo

A aldeia Tramataia está localizada no território indígena Potiguar, na zona rural do município da cidade de Marcação litoral norte da Paraíba, $6^{\circ}45'45.4''S$ $34^{\circ}57'16.1''W$ e também compõe a Área de Proteção Ambiental (APA) da Barra do rio Mamanguape (BARBOSA, 2015). De acordo com os dados da Secretaria Especial de Saúde Indígena (SESAI) no ano de 2019, a aldeia possui uma população estimada em 950 pessoas.



A população da aldeia Tramataia desenvolve atividades relacionadas a pesca, agricultura de subsistência, monocultura, prática do ecoturismo, carcinicultura e serviços públicos ligados a prefeitura municipal da cidade de Marcação.

3.2 Coleta de dados

A pesquisa foi desenvolvida com mulheres indígenas residentes da aldeia Tramataia, que realizam atividades relacionadas à coleta do molusco *Anomalocardia brasiliiana*, popularmente conhecido como “marisco”. Na aldeia Tramataia se tem a presença do

ecossistema de manguezal e dependendo da estação do ano, ou momento na comunidade, há um grande público desenvolvendo a atividade da mariscagem para a complementação de renda.

Vale ressaltar que, o público dominante na prática da mariscagem na aldeia ainda é o feminino. Em conversas realizadas com as marisqueiras, foi abordado que ao todo, na aldeia Tramataia, existem cerca de 10 a 15 mulheres que realizam a atividade de forma direta, mas na comunidade não há existência de associações em específico para as marisqueiras onde possa fornecer os dados com precisão. Então foram abordadas perguntas sobre a vivência na aldeia, coleta e atividade da mariscagem, conhecimentos relacionados aos recursos naturais e seus saberes sobre a natureza.

Diante disso, foram realizadas 8 entrevistas (Figuras 1 e 2), com perguntas estruturadas, no período de novembro de 2019 e fevereiro de 2020. Todas as entrevistas foram realizadas nas casas das marisqueiras e local onde acontece a mariscagem. Antes da realização das entrevistas as marisqueiras assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCL), autorizando o uso dos dados e fotos dos campos realizados no momento. Também ocorreu visitas aos locais de atividade da mariscagem, onde foi usado diário de campo para fazer possíveis descrições das observações diretas nos momentos de conversas informais.



Figura 1 e 2: Realização das entrevistas. Fotos: Claudia Soares, 2020.

Foram solicitadas autorizações para a realização da pesquisa junto à liderança da comunidade que demandaram esclarecimento dos objetivos da pesquisa e seus desdobramentos, pelo Departamento de Engenharia e meio Ambiente (DEMA), e no Comitê de Ética em

Pesquisa do Centro de Ciências da Saúde – CEP/CCS/UFPB, onde foi concebido o parecer consubstanciado.

Os dados obtidos através das entrevistas, foram descritos, verificados e quantificados em programas especializados como o Windows e Excel 2010.

4 Resultados e discussões

A mariscagem é uma das atividades de pesca que passam pelos ensinamentos de várias gerações na aldeia Tramataia. É considerada uma importante fonte de renda e complementação na base alimentar da população residente na aldeia.

Nesta atividade, a presença feminina é dominante, mas se confere a participação da família no processo da mariscagem, desde a coleta até o tratamento final da espécie. A incorporação da família à atividade de pesca conduz alguns homens a ajudarem e também outros entes próximos ou sob responsabilidade das mulheres. Essa participação em família é também um modo de transmitir os conhecimentos sobre a coleta do marisco.

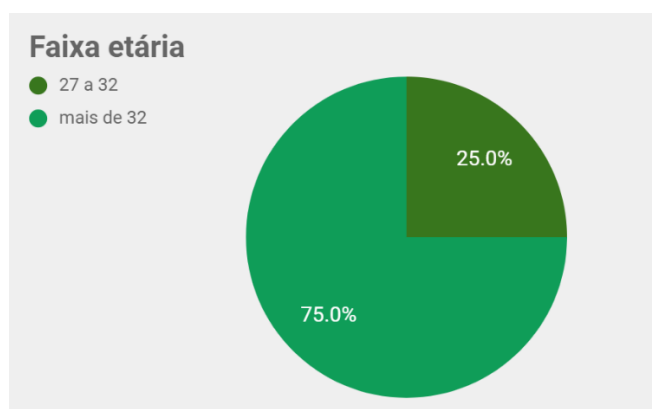
O exercício da mariscagem perpassa pela importância da mulher na aldeia, colocando os seus conhecimentos em prática e sendo protagonista naquilo que se refere à pesca, na comercialização, no sustento da família e na atuação harmônica junto aos recursos naturais, em especial, à conservação do molusco. Desse modo, as marisqueiras da aldeia Tramataia, descrevem a sua atividade com uma consciência do seu valor, vinculando-a à cultura, sendo assim, muito importante para a comunidade indígena.

É possível dizer que as mulheres estão inseridas em diversas atividades de trabalho, do doméstico à criação dos filhos e no setor pesqueiro não é diferente. Esse movimento conferiu à mulher um amplo saber sobre uma área importante para a economia, podendo contribuir para a inserção de planos para o setor pesqueiro que vise a conservação dos recursos e a criação de políticas públicas para a igualdade de gênero (PALHETA, 2016). Assim, as marisqueiras da aldeia Tramataia dominam o espaço do início da coleta até a comercialização dos moluscos.

4.1 Dados socioeconômicos e descrições etnográficas da mariscagem

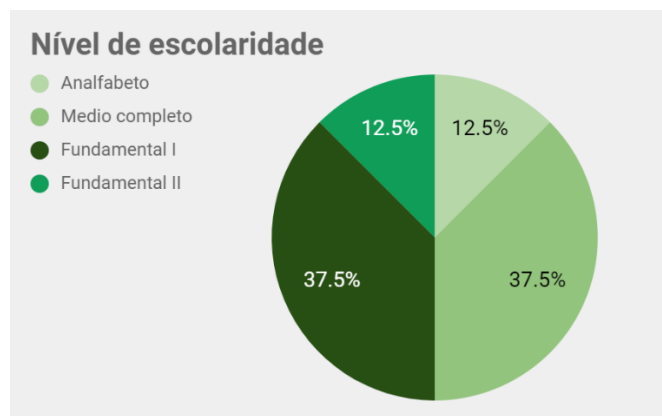
4.1.1 Faixa etária das entrevistadas

Foram criadas categorias com faixas de idades das marisqueiras, de 15 a 20 anos, 21 a 26 anos, 27 a 32 anos e mais de 32 anos de idade. Com isso, foi constatado que o maior público de mulheres entrevistadas (75%) se destaca na categoria de mais de 32 anos de idade, e o menor público foi de 25% na faixa de 27 anos. Isso demonstra que a maioria das mulheres consultadas nessa pesquisa que desenvolvem a atividade da mariscagem são de idades mais avançadas, portanto, mais experientes e carregam consigo uma grande bagagem de conhecimentos acerca da atividade da mariscagem.



4.1.2 Nível de escolaridade

Quanto ao nível de escolaridade, as marisqueiras relataram iniciar as atividades de trabalho no manguezal bastante cedo, por isso a dificuldade de frequentarem a escolas e avançarem na conclusão dos estudos. Os percentuais referentes ao nível de escolaridade das marisqueiras, divididos por: analfabetismo (12,5%), ensino médio completo (37,5%) fundamental I (37,5%) e fundamental II (12,5%). Mesmo com o reconhecimento pelas marisqueiras sobre os impedimentos sobre o avanço nos estudos escolares, os dados apontaram que as marisqueiras da aldeia Tramataia, apresentam algum nível de escolaridade, destacando-se os estudos no fundamental I e no ensino médio.



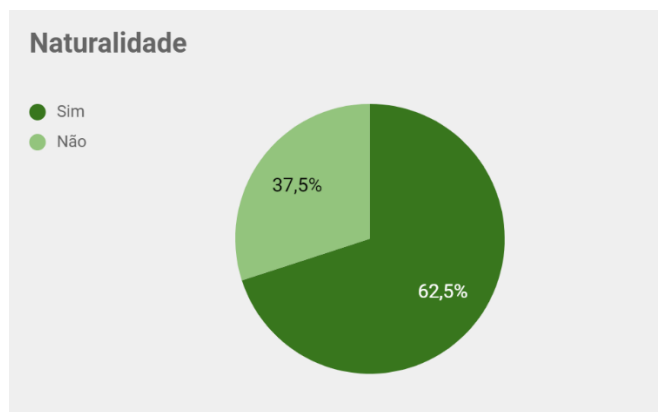
Em comparação com outros estudos, uma pesquisa realizada com marisqueiras na Ilha do Maranhão em sua maioria, apresentou nível de escolaridade no ensino fundamental incompleto de 44,44% a 50,00%, seguido por analfabetismo com 11,11% a 28,57% (PEREIRA, 2017). Baixo nível na escolaridade também foi constatado por Rocha (2010) no estuário do rio Mamanguape, Paraíba, que registrou 33% de mulheres com o ensino fundamental incompleto e 27% de analfabetas.

Conforme Daltro (2013) e Nishida et al. (2008), o índice de baixa escolaridade dos trabalhadores na pesca artesanal (pescadores e marisqueiras) pode estar relacionado com os fatores como: aspecto cultural da unidade familiar, o início das atividades com participação dos filhos ainda criança que perdem o estímulo da base escolar.

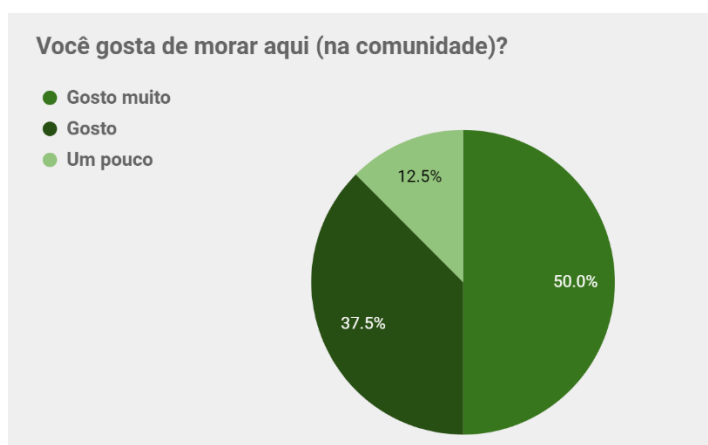
4.1.3 A Percepção Indígena sobre a Comunidade

As questões discutidas a seguir estão relacionadas à algumas particularidades sobre moradia, naturalidade e vivência na aldeia relacionadas às marisqueiras da aldeia Tramataia

Conversando com as marisqueiras, foi identificado que 62,5% apresentaram ser natural da aldeia Tramataia e 37,5% disseram ter vindo de outra aldeia chamada Lagoa do Mato com os pais, destacando que as marisqueiras que afirmaram ter vindo de outra aldeia são irmãs consanguíneas, e desde sua infância participam da mariscagem com os pais. A irmã mais velha relata que quando chegou à aldeia Tramataia, os pais não tinham nenhuma fonte de renda, e como já praticavam atividades relacionadas ao manguezal, retomaram a mesma atividade na aldeia.



Com relação a gostar de morar na aldeia, metade das marisqueiras entrevistadas confirmaram gostar muito de morar na comunidade e justificaram que na aldeia é possível desenvolver atividades que proporcionam uma renda para a família. Outra parte que também respondeu gostar de morar na aldeia, 37,5%, não justificou a resposta. As demais computaram 12,5% e responderam gostar um pouco. Nesse aspecto, Beltrão (2015), chama atenção ao que se refere “lugar-humano”, ele vem se referir a populações que se relacionam com a natureza de forma mais efetiva, trata como um espaço de pertencimento, de criação, construído uma resistência, e transformando-as em sujeitos com visões mais autocríticas do seu próprio modo de viver.



Sobre a vivência das marisqueiras na aldeia, as respostas foram 87,5%, de modo satisfatório, elas relataram que viver na aldeia é bom, porque tem “*atividades de pesca para ter uma renda*”, “*porque, quem não tem uma renda fixa (emprego), pode tirar o sustento da maré*”, foram respostas frequentes relacionadas a esse contexto. Por outra via, 12,5% das marisqueiras colocaram a vivência na aldeia como não ser muito boa, por conta das condições

de trabalhos oferecidos na aldeia, que apesar de oferecer subsídio para a família, como relatado em seções anteriores, elas relataram que desenvolvem com muita dificuldade no manguezal.



Segundo Diegues (1991), os manguezais e todas as suas funções, são bastantes explorados pelas comunidades litorâneas do Nordeste do Brasil oferecendo o desenvolvendo diversas atividades de pesca, mas que há também dificuldades presentes. Algumas dificuldades relatadas pelas marisqueiras foram as condições de trabalho, e sintomas relacionados à saúde, os autores Silva e Marciel (2018) realizaram uma pesquisa com as marisqueiras de São Francisco do Conde, na Bahia com o objetivo de identificar quais problemas de saúde estavam mais presentes, então foi identificado dor lombar e distúrbios musculoesqueléticos em punhos e mãos como os mais frequentes.

4.1.4 Saberes e conhecimentos socioambientais na comunidade

A abordagem junto aos saberes e conhecimentos socioambientais vem tratar em específico das relações das marisqueiras com a atividade da mariscagem, em particular, como acontecem os procedimentos da atividade, instrumentos utilizados, conhecimentos empíricos sobre o marisco e diversas místicas que as marisqueiras dominam.

No processo de entrevista, começou-se perguntando como as marisqueiras sabem identificar os mariscos que podem ser coletados, então elas relataram que sempre são escolhidos os maiores, os menores elas não coletam. Caso no local de pesca os mariscos ainda estiverem pequenos elas migram para outra área.

Sobre o tamanho do marisco, Barreira e Araújo (2005) orientam que ao atingir o tamanho de aproximadamente 13mm, o marisco apresenta os primeiros sinais da maturação sexual, sendo mais provável acontecer o período de reprodução da espécie nesse momento, e

também um tamanho adequado para coleta. A questão de coletar os mariscos pequenos, acontece muito com as crianças, quando estão participando da atividade. Foi coletado com o auxílio das marisqueiras nos locais de mariscagem, os mariscos que pode ser ou não coletado, para análise dos tamanhos conforme as figuras 3 e 4. O marisco que poderia ser coletado apresentou o tamanho de 2, 5cm, e o que não poderia ser coletado 1cm, observações feitas com a ajuda das marisqueiras da Aldeia Tramataia com suas percepções de observação direta com relação aos cuidados da reprodução dos moluscos e regeneração da espécie.



Figura 3: Marisco que não pode ser coletado. Foto: Liliane Barbosa, 2020.

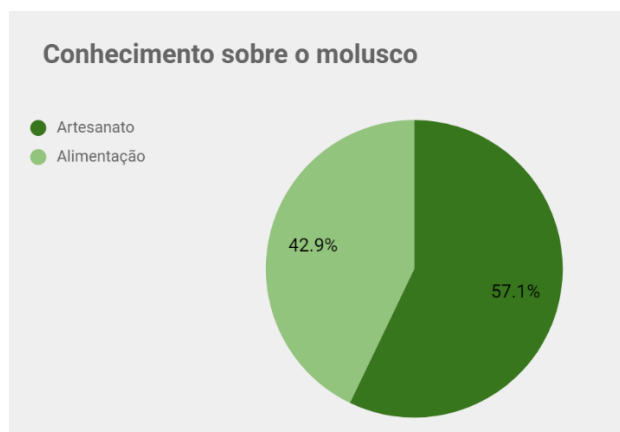


Figura 4: Marisco que pode ser coletado. Foto: Liliane Barbosa, 2020.

As atividades de pesca na aldeia Tramataia são o principal meio de subsistência para os indígenas e não indígenas que ali moram. Através desses recursos naturais, eles obtêm sua alimentação e outros bens materiais (SILVA, 2018). Nesse contexto sobre a importância da atividade da mariscagem para a comunidade, 100% das respostas fornecidas pelas marisqueiras

foram afirmativas, levantando as mesmas discussões em torno da atividade ajuda na subsistência das famílias, constituindo uma relação de relevância na comunidade e na vida das pessoas que praticam a atividade.

Em relação aos conhecimentos sobre o molusco *Anomalocardia brasiliensis*, 57,1% das marisqueiras enfatizou o conhecimento sobre a utilização das conchas para confecção de artesanato, mas que na aldeia não há marisqueira que reutilize as conchas, para esses fins. Costa et al. (2012) e Gonçalves et al. (2014), revelam em pesquisas feitas que o material da concha é rico em carbonato de cálcio (CaCO_3) podendo ser reutilizado para agricultura como controlador de pH do solo, no processo de indústria da fabricação de tintas, vidros, considerando que há outras utilizações mais importantes ao invés do descarte desse material.



As marisqueiras da aldeia Tramataia, realizam o descarte das conchas dos moluscos muitas vezes em torno da casa em que moram, ou nas ruas da comunidade. Enquanto 42,9% reafirmaram só conhecer o molusco na base alimentar, o molusco segundo Lira et al. (2004), contém ácidos graxos poliinsaturados das famílias ômega-3 e ômega-6, onde ajuda com benefícios à saúde, como na rigidez da pele, da visão e do sistema imune, controlando também o surgimento de enfermidades cardiovasculares.

Hanazaki (2001), abre espaço para uma discussão relacionada às particularidades da importância desses recursos para as comunidades, que possui alguns tabus alimentares, referentes à proteína de origem animal, de preferência partindo da cultura e na importância socialmente dentro da comunidade. Descrito por algumas marisqueiras, é um alimento não consumido por todas as pessoas, por haver restrições no que envolve as recomendações de saúde, nos ditos populares na comunidade como “carregado”.

No questionamento sobre o modo como as marisqueiras aprenderam a pescar o marisco, as respostas se deram em torno do aprendizado com família. Silva (2012), aponta as atividades

de pesca como uma das principais relacionadas aos ensinamentos do ciclo familiar, iniciando ainda criança. E diante do que foi explanado entre as marisqueiras, foram diferentes pessoas relacionadas à família, algumas com os pais, outras com as mães, tios e com as irmãs. Isso demonstra ainda mais a ligação familiar que a atividade desenvolve, criando uma ponte de permanência dessa cultura. Foi observado no trabalho de coleta do marisco as crianças realizando a catação, assim como alguns animais de estimação acompanhavam o grupo.

Nas descrições dos métodos que as marisqueiras utilizam na coleta do molusco, 90% das respostas foram a utilização das mãos para realizar o trabalho (figura 5), sendo apenas uma marisqueira (10%), que respondeu utilizar um utensílio chamado de colher (figura 4). As marisqueiras descreveram que na mariscagem existem diferentes métodos de coleta, como por exemplo a catação com as mãos, onde elas escolhem os moluscos que podem ser coletados, revirando os sedimentos, sendo também a prática mais demorada e trabalhosa. A colher, que é utilizada para cavar e que tem semelhança com as técnicas das mãos e o puçá, que é confeccionado com uma rede e uma estrutura semelhante com um garfo de ferro, usado de forma para varrer a superfície.

Esse utensílio chamado de puçá (figura 7), geralmente é utilizado pelos homens, pois o instrumento requer uma força física maior. O puçá não proporciona a escolha dos moluscos que podem ser coletados, pois ao passar na superfície podem vir diversas espécies de moluscos e sedimentos na rede do instrumento. Em pesquisas realizadas por Cidreira-Neto et al. (2019) o puçá é um instrumento que “pode causar danos aos mariscos pequenos durante a separação”, pois como descrito pelas marisqueiras ele não tem opção de escolha.



Figura 5: Marisqueira coletando com as mãos. Foto: Liliane Barbosa, 2020.



Figura 6: Colher da marisqueira. Foto: Liliane Barbosa, 2020.



Figura 7: Puçá. Foto: Liliane Barbosa, 2020.

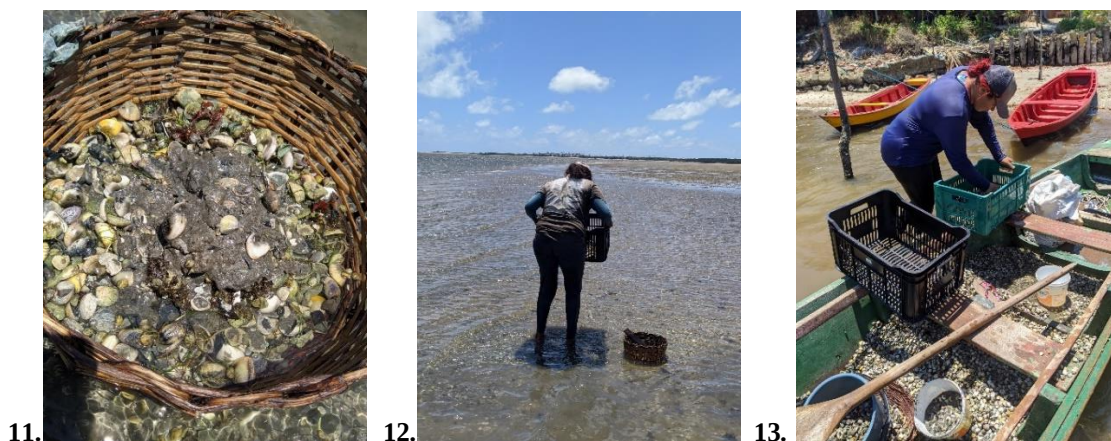
Dependendo do método que se utiliza para realizar a atividade, as marisqueiras relataram que podem durar cerca de cinco a oito horas na maré para coletar quatro a cinco quilos do marisco por dia. Após terminarem a coleta na maré, retornam para suas casas, e se inicia outra etapa de trabalho, onde partem para as fases de tratamento até a comercialização.

O tratamento diferencia dependendo da maneira do procedimento utilizado para a coleta dos mariscos. Para o procedimento de tratamento dos mariscos que foram coletados com o método de catação das mãos (figura 8, 9 e 10), as marisqueiras ao chegar em casa colocam os mariscos em um caldeirão de alumínio grande, onde é levado ao fogo alto para cozinhar, por mais ou menos uma hora. Depois de retirado do fogo, o momento em família é constituído novamente, com a participação dos filhos e esposos para ajudar na remoção da carne de dentro das conchas com as mãos. Esses momentos de reunir os familiares, são comum em todas as etapas das atividades de pescas artesanais, isso deixa ainda mais claro a importância da família na composição das atividades nas comunidades tradicionais (RIOS;GERMANI, 2016).



Figuras 8, 9 e 10: método de tratamento dos mariscos com as coletas das mãos e colher. Foto: Liliane Barbosa, 2020.

Para os mariscos coletados com o puçá (figura 11), começa a fase de tratamento na maré onde é lavado diversas vezes com o auxílio de peneiras ou caixas com pequenos furos (figura 11, 12 e 13), para a remoção dos sedimentos, em seguida levado ao fogo para a separação da carne. Também há dois modos de separação da carne, o qual após o procedimento de cozimento o marisco é “batido” para que a carne caia em outro recipiente, e a remoção com as mãos.



Figuras 11, 12 e 13: método de tratamento dos mariscos com a coleta do puçá. Foto: Liliane Barbosa, 2020.

Por fim, a parte da embalagem e comercialização, que após o tratamento são embalados em sacos plásticos, separados por quilos (figura 14), e armazenados em geladeiras e freezer para o aguardo dos compradores ou levados para comercialização em feiras locais.



Figura 14: marisco embalado. Foto: Fabio Barbosa, 2020.

As marisqueiras relatam também que a maioria dos mariscos já estão encomendados para restaurantes e outros estabelecimentos situados nas cidades e aldeias vizinhas. Desse modo, relata-se que as marisqueiras muitas vezes passam despercebidas das políticas públicas do setor pesqueiro, no entanto, contribuem para a segurança alimentar, em termo de pesca em

pequena escala, e ainda fornecem aproximadamente 2,9 milhões de toneladas de peixes e invertebrados (HARPER et al. 2020).

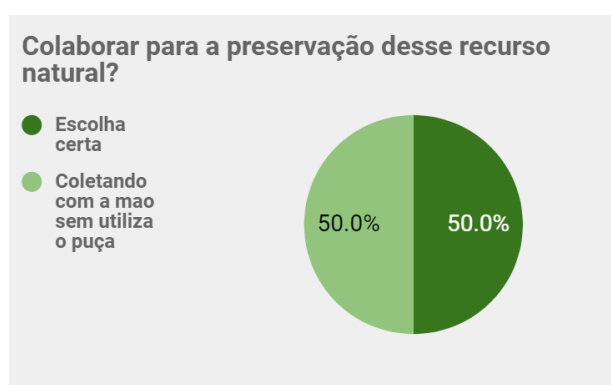
No questionamento sobre os métodos utilizados, também se perguntou sobre o que elas achavam das práticas desenvolvidas, se causavam alguns impactos ao ecossistema aquático em relação aos recursos, uma vez que a coleta dos mariscos é realizada o ano todo, apenas com baixa frequência no período do inverno. As marisqueiras relataram diversos fatores afirmando que não causavam impactos, como *“fazendo a escolha certa na hora que irão coletar, onde se percebe os menores e maiores”*, o não uso do instrumento *“puçá”* e também algumas relataram a dinâmica da maré *“acho que não, porque de acordo com a maré vai fechando os buracos”*. A percepção das marisqueiras em relação às causas dos impactos nos ecossistemas é bem perceptível e segundo Hapes et al. (2013) colabora com as discussões dos saberes das mulheres advindos da biodiversidade e é enriquecedor no fornecimento de conhecimentos para a construção de projetos e políticas sustentáveis. No que se relaciona a pesca do molusco *Anomalocardia brasiliiana*, as mulheres são as que mais participam dessa atividade de coleta no nordeste, e por isso pode haver uma maior autonomia nas decisões sobre essa atividade (ROCHA e PINKERTON, 2015).

4.1.5 Conhecimento e Saberes Indígenas: representações, memória e significados (sociais, culturais e ambientais)

No último tópico das entrevistas da pesquisa, se discute a percepção das marisqueiras em relação ao meio ambiente local, sobre a importância dos conhecimentos tradicionais pensando nas futuras gerações da aldeia Tramataia.

Iniciou-se conversando sobre a importância dos seus saberes para o meio ambiente, e foi perguntado às marisqueiras se elas achavam importante aprender sobre a natureza. 100% das respostas das marisqueiras foram afirmando que sim, e uma delas destacou a seguinte fala *“importante para aprender a cuidar mais dos recursos que eu utilizo”*. Essa preocupação da marisqueira é de grande relevância para a discussão dos conhecimentos associados à conservação dos recursos naturais, tendo em vista que elas relataram que alguns ambientes frequentados por elas, nos dias de hoje, encontram-se degradados. Os autores Souza e Santos (2020), falam sobre a dinâmica do meio ambiente, e que a partir dessas mudanças e com o passar do tempo, todos esses conhecimentos tradicionais vão se aperfeiçoando nas próprias comunidades e buscando outras estratégias e adequação de exploração destes recursos.

Quando questionadas sobre como elas acham que poderiam colaborar para a preservação desses recursos naturais, 50% das marisqueiras responderam sobre “*escolha certa na hora da coleta*”, que se faz referência ao método de coleta utilizada com as mãos, a outra parte (50%), das marisqueiras, foram diretas na resposta e indicaram a coleta com as mãos como a mais benéfica para a conservação desses recursos e pontuaram com as seguintes falas “*coletando com as mãos sem utilizar nenhuma ferramenta*”, outras fazendo observações para o instrumento: “*eu acho que não utilizando a puçá*”. Os conhecimentos advindos das marisqueiras sobre os impactos no ecossistema que estão inseridas, são importantes para o perceber os impactos causados pela atividade de mariscagem no local (MENEZES et al. 2019).



Analisando como as marisqueiras conhecem o momento certo para ir fazer a coleta do molusco, foi perguntou como ela conheciam quando a maré está apropriada para a pesca, tendo em vista que a mariscagem é uma atividade conduzida pelos movimentos da maré, onde acontece transições ao longo dos dias entre alta e baixa (CIDREIRA-NETO et al. 2019). Então as marisqueiras, ficaram confusas e até mesmo sem saber responder ao certo. 100% descreveu perceber quando “*a maré está boa de acordo com a hora, contando do dia em que elas foram, e a partir daí acrescentasse mais uma hora em cima do dia seguinte*”. Esses conhecimentos parte para os aspectos relacionados à percepção humana onde tem feito uma grande contribuição aos estudos da área ambiental. Carvalho et al. (2012), colabora com a importância dos conhecimentos da percepção ambiental dos agentes sociais que vivenciam o ambiente, o que torna único as sugestões desses grupos, para entender as relações dos grupos tradicionais e o ambiente.

No que reconhece a importância de ensinar aos mais jovens o conhecimento que os mais velhos adquiriram ao longo de suas experiências de vida em relação a mariscagem, 100% afirmaram que não gostariam que os filhos seguissem as práticas da mariscagem. Relataram

com as seguintes frases, “*Sim, mas quero que meus filhos estudem e não pratiquem essa atividade*”, “*Sim, mas eu não quero que os meus filhos vá para essa vida*” e “*Acho importante, até porque faz parte da nossa cultura*”, foram as mais descritas pelas marisqueiras. Portanto, existe uma certa desvalorização da atividade por parte das marisqueiras em relação aos filhos continuarem com essa atividade, isso traz uma certa preocupação em relação aos conhecimentos tradicionais envolvidos na comunidade indígena com relação a mariscagem, podendo haver uma certa extinção da atividade com as futuras gerações. Durante uma visita aos locais de coleta, foi encontrado crianças realizando as atividades de mariscagem, uma acompanhada de sua avó e outra coletando para ajudar a família (figura 15). E na figura 16, mostrasse uma família reunida voltando da mariscagem na canoa.



Figura 15: crianças participando da atividade de coleta. Foto: Liliane Barbosa, 2020.



Figura 16: família na canoa. Foto: Liliane Barbosa, 2020.

A importância das mulheres, não apenas no ambiente social, mas também nas relações familiares e seus conhecimentos tradicionais sobre a utilização dos recursos naturais, torna-se cada vez mais importante nas políticas públicas. Harper et al. (2017), colabora com a discussão da participação das mulheres em escala de 25% a 50% de contribuição da pesca em pequena escala, porém, diante de dados oficiais e em políticas públicas do setor pesqueiro não são valorizadas. Isso acaba colaborando para as opiniões das futuras gerações não continuarem a atividade de pesca, tornando até o gênero feminino fora do contexto social das políticas públicas do setor pesqueiro.

5 Considerações finais

O trabalho feminino ainda passa por diversas dificuldades e preconceitos diante do setor pesqueiro e perante a sociedade, ainda assim, as marisqueiras indígenas contribuem com a base alimentar e com a economia local. No território indígena potiguara, a prática da mariscagem configura-se como uma ação importante, pois as mulheres carregam consigo os conhecimentos do meio ambiente, sobre a dinâmica da maré, sobre o molusco bivalve e sobre as tradições do povo indígena. Desse modo, as marisqueiras se tornam responsáveis pela transmissão de saberes que tocam à conservação do ambiente e ao fortalecimento da identidade do povo Potiguara.

A atividade de pesca da mariscagem na aldeia Tramataia, apesar de ter o envolvimento com alguns equipamentos, ainda é desenvolvida com aspectos bastante significativos das práticas tradicionais. De modo que não busca a extração do recurso em um viés de exploração demasiada. As marisqueiras não degradam o ecossistema, elas desenvolveram um olhar harmônico com o ambiente e isso se reflete desde a escolha dos moluscos até a fase de tratamento.

A prática da mariscagem não é encarada como uma atividade leve, porém, devido a carência de atividades geradoras de renda, os recursos do manguezal são explorados para subsistência e comercialização na comunidade. Assim, a pesca do marisco foi identificada como uma das principais atividades realizadas por algumas mulheres em seu cotidiano. Essa prática se rebate na condição socioeconômica da aldeia, pois figura como complementação ou única fonte de renda para algumas famílias.

Na pesquisa também foi observado que o conhecimento das marisqueiras sobre o molusco *Anomalocardia brasiliiana*, ainda está muito ligado a comercialização do molusco como alimento humano, deixando de ser visto outros meios de geração de renda, a exemplo do uso das conchas para o artesanato.

Também sentiu-se falta, nos discursos das marisqueiras, relatos sobre parcerias com instituições de fomento às atividades tradicionais ou órgãos governamentais que realizem o acompanhamento ou concedam orientações quanto a atividade da mariscagem. Essas evidências reforçam o caráter precário da realização desta atividade, como também não colaboram com o incentivo à atividade de modo sustentável e agregação de valor do marisco no mercado.

As marisqueiras revelaram não desejar que as futuras gerações de seus familiares (filhos e netos), deem continuidade a atividade da mariscagem. Isso toca significativamente na cultura de pesca na comunidade indígena, onde é construído um perfil de indígenas moradores de comunidades às margens do manguezal. Acreditamos também que a carência de incentivos que agreguem valor à venda do marisco pelas marisqueiras, podem colaborar com a desmotivação em incentivar os entes a continuarem atuando na pesca do marisco.

Apesar das dificuldades relacionadas a mariscagem, o papel das marisqueiras é fundamental para a manutenção do molusco *Anomalocardia brasiliiana*, o reconhecimento e valorização dessas mulheres, colabora para o conhecimento tradicional e científico, aliando-se a saberes fundamentais para fomentar estratégias de planos de gestão e manejo desses recursos naturais.

O levantamento de discussões acerca das questões de gêneros, nas atividades tradicionais desenvolvidas no território potiguara, evidenciou a presença feminina como uma importante representação do povo Potiguara nas causas ambientais, sociais e econômicas. Além disso, os conhecimentos tradicionais vinculados ao trabalho da mulher nas aldeias podem contribuir diretamente para a formação do conhecimento científico. Essas constatações tiveram impactos tanto na minha formação como ecóloga quanto na minha atuação enquanto mulher indígena potiguara.

Referências

- ADOMILLI, G. K.; TEMPASS, M. C.; DA COSTA L. R. Notas teórico-metodológicas sobre a pesquisa etnográfica na área de educação ambiental. **REMEA-Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental**, v. 34, n. 3, p. 226-244, 2017.
- ANGROSINO, Michael. **Etnografia e observação Participante**. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- BRANDÃO, Fernanda Colares; DA SILVA, Luis Mauricio Abdon. Conhecimento ecológico tradicional dos pescadores da Floresta Nacional do Amapá. **Scientific Magazine UAKARI**, v. 4, n. 2, p. 55-66, 2009.
- ALBUQUERQUE, Ulysses Paulino et al. Are ethnopharmacological surveys useful for the discovery and development of drugs from medicinal plants?. **Revista Brasileira de Farmacognosia**, v. 24, n. 2, p. 110-115, 2014.
- ARAÚJO, Marli Gondim de et al. A sabedoria tradicional originária indígena: encontro de sábios e sábias e previsões para a agricultura Xukuru. **Cadernos de Agroecologia**, v. 13, n. 1, 2018.
- ARAÚJO, Vanessa Raphaela Amorim De. **Aspectos da extração do molusco *Anomalocardia brasiliana* no município de Senador Georgino Avelino/RN e avaliação de sua tolerância a diferentes salinidades em laboratório**. 2015. Dissertação de Mestrado. Brasil.
- ALMEIDA B. M., BRAGA, E. O.. Indígenas, camponeses e urbanos na pesca como ela é: os pescadores artesanais de Baía da Traição/PB. **Revista InterScientia**, 5.1: 7-17.2017.
- ALVES, N. M. S., da SILVA, D. B., de Macêdo Carvalho, I. S., Santana, B. L. P., & Andrade, R. S. MUDANÇAS NO COTIDIANO DAS COMUNIDADES TRADICIONAIS PESQUEIRAS DE BREJO GRANDE-SERGIPE, BRASIL (CHANGES OF THE DAILY LIFE OF THE TRADITIONAL FISHING COMMUNITIES OF BREJO GRANDE-SERGIPE, BRAZIL). **Revista GeoNordeste**, (1), 187-202. 2017.
- BALDIN, N.; MUNHOZ, E. M. Bagatin. Educação ambiental comunitária: uma experiência com a técnica de pesquisa snowball (bola de neve). **REMEA-Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental**, v. 27, 2011.
- BANDEIRA, F. P. S. de F. Construindo uma Epistemologia do Conhecimento Tradicional: Problemas e Perspectivas. **In: I Encontro Baiano de Etnobiologia e Etnoecologia. Feira de Santana. Anais**. UEFS. p.109-133. 1999.
- BARACHO, Rossyenne Lopez. **Mariscagem, conhecimento ecológico local e cogestão: o caso da Reserva Extrativista Acaú-Goiana**. 2016. 138 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa.
- BARBOSA, Izolda Kelly Pereira; CRISPIM, Maria Cristina. Potencialidades para o ecoturismo e etnoturismo na aldeia potiguar de Tramataia, APA da Barra do Rio Mamanguape (PB). **Revista Brasileira de Ecoturismo (RBEcotur)**, v. 8, n. 1, 2015.

BARREIRA, C.; ARAÚJO, M. Ciclo reprodutivo de *Anomalocardia brasiliana* (Gmelin, 1791)(Mollusca, Bivalvia, Veneridae) na praia do canto da barra, fortim, Ceará, Brasil. **Boletim do Instituto de Pesca**, v. 31, n. 1, p. 9-20, 2018.

BARROS, Flávio Bezerra. **Etnoecologia da pesca na reserva extrativista Riozinho do Anfrísio-Terra do Meio**, Amazônia, Brasil. 2012.

BATISTA, Maria do Socorro Xavier. O campo como território de conflitos, de lutas sociais e movimentos populares. In: SCOCUGLIA, Afonso Celso; JEZINE, Edineide (Orgs.). **Educação Popular e movimentos sociais**. João Pessoa: Ed Universitária, 2006.

BEGOSSI, Alpina; HANAZAKI, N.; SILVANO, R. A. M. Ecologia humana, etnoecologia e conservação. **Métodos de coleta e análise de dados em etnobiologia, etnoecologia e disciplinas correlatas**, v. 1, p. 93-128, 2002.

BRASIL. Decreto N. 6.040, de 7 de fevereiro de 2007. Institui a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais. Brasília, 7 de fevereiro de 2007. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2007/decreto/d6040.htm>. Acesso em: 20 jul. 2019.

BRANDÃO, C.R. **A Comunidade Tradicional**. NUPAUB, 2015. Disponível em: <http://nupaub.fflch.usp.br/sites/nupaub.fflch.usp.br/files/a%20comunidade%20trad160.pdf>. Acesso em: 08 abril 2020.

BRITO, A. C. L., & Pozzetti, V. C. Biodiversidade, conhecimentos tradicionais associados e repartição de benefícios. **Derecho y cambio social**. ISSN, 2224-4131.2017.

BOEHS, G.; MAGALHÃES, A.R.M. Simbiontes associados com *Anomalocardia brasiliana* (Gmelin) (Mollusca, Bivalvia, Veneridae) na Ilha de Santa Catarina e região continental adjacente, Santa Catarina, Brasil. **Revista Brasileira de Zoologia**, Curitiba, v. 21, n. 4, p. 865-869, 2004. - BOEHS, G.; ng field. Ambient. soc. [online]. 2015, vol.18, n.4, pp.139-160.

BORGES, F. Henrique C. FELFILI, J. M. **Avaliação dos níveis de extrativismo da casca de barbatimão [*Stryphnodendron adstringens* (Mart.) Coville] no Distrito Federal**, Brasil. 2003.

CALAZANS, S. R. Marisqueira é Pescadora: Mulheres negras do Quilombo de São Braz- Santo Amaro, Bahia. **Revista da ABPN**. v. 9, n. 23, p.82-108. Jul-out 2017

CAMPOS, M. D. Etnociência ou Etnografia de saberes, técnicas e Práticas. In: AMOROZO, M. C. M.; MING, L. C., SILVA, S. P. (Ed.). Métodos de coleta e análises de dados em Etnobiologia, Etnoecologia e disciplinas correlativas. Rio Claro: Universidade Estadual Paulista, 2001. p. 47-92.

Cardoso, Thiago Mota; Guimarães, Gabriella Casimiro. (Orgs.). **Etnomapeamento dos Potiguara da Paraíba**. Brasília: FUNAI/CGMT/ CGETNO/CGGAM, 2012. (Série Experiências Indígenas, n.2) 107p. Ilust.

CANAPA, A.; MAROTA, I.; ROLLO, F.; OLMIL, E. 1996. Phylogenetic analysis of Veneridae (Bivalvia): Comparison of molecular and palaeontological data. **Journal of Molecular Evolution**, v. 43, n. 5, p. 517-522.

Carneiro, M. A. B., Farrapeira, C. M. R., & da Silva, K. M. E. O manguezal na visão etnoecológica dos pescadores artesanais do Canal de Santa Cruz, Itapissuma, Pernambuco, Brasil. **Biotemas**, 21(4), 147-155. 2008.

CARVALHO DE ARAÚJO, Enyedja Kerlly Martins; DA SILVA, Mônica Maria Pereira; DE CARVALHO, José Ribamar Marques. Percepção Ambiental dos diferentes atores sociais de Vieirópolis, PB. **Qualitas Revista Eletrônica**, v. 13, n. 1, 2012.

Clauzet, M., Ramires, M., & Barrella, W. Pesca artesanal e conhecimento local de duas populações caiçaras (Enseada do Mar Virado e Barra do Una) no litoral de São Paulo, Brasil. **Multiciência**, 4(1), 1-22. 2005.

CHRISTINA M. Ramstad; N.J Nelson; N. G. Paine; D. Faia; A. Paul; P. Paul; F.W, Allendorf; e C.H, Daugherty. Species and Cultural Conservation in New Zealand: Maori Traditional Ecological Knowledge of Tuatara. **Conservation Biology**, Volume 21, No. 2, 455–464, 2007.

CIDREIRA-NETO, Ivo Raposo Gonçalves et al. Análise biométrica do *Anomalocardia flexuosa* na APA da barra do rio Mamanguape, estado da Paraíba, Brasil. **Journal of Environmental Analysis and Progress**, v. 3, n. 2, p. 191-199, 2018.

CIDREIRA-NETO, Ivo Raposo Gonçalves; FRAGOSO, Marília Lacerda Barbosa; RODRIGUES, Gilberto Gonçalves. PESCA ARTESANAL DO MARISCO NO LITORAL PARAIBANO: RELAÇÕES SOCIOAMBIENTAIS E TECNOLOGIAS SOCIAIS. **Revista de Geografia (Recife)**, 36.1. 2019.

COSTA, Amanda Rodrigues Santos et al. Viabilidade do uso de conchas de mariscos como corretivos de solos. In: **III Congresso Brasileiro de Gestão Ambiental, Goiânia/GO-19 a. 2012.**

Dario, F. R. Uso de plantas da caatinga pelo povo indígena Pankararu no Estado de Pernambuco, Brasil. **Revista Geotemas**, 8(1), 60-76. 2018.

DA COSTA, S. M. G., HAZEU, M. T., DOS SANTOS, L. V., ALVES, J. F. P., de Souza Maciel, A., Menezes, P. B. R., ... & dos Santos Barros, E. MEIO AMBIENTE, POVOS E COMUNIDADES TRADICIONAIS: EXPERIÊNCIA DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA DO CURSO DE SERVIÇO SOCIAL NA AMAZÔNIA. In **Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais 2019 (Vol. 16, No. 1)**. 2019.

DIEGUES, Antonio Carlos Sant'ana. **Territórios e comunidades tradicionais**. *Guaju*, 1.2: 144-149. 2015.

DIEGUES, A.C.; ARRUDA, R.S.V. (Org.). **Saberes Tradicionais e Biodiversidade no Brasil**. São Paulo: MMA-USP, 2001.

DIEGUES, A. C. Etnoconservação da natureza: Enfoques **Revista Biotemas**, 25 (3), setembro de 2012 303 Etnoecologia de pequenos cetáceos, Rio de Janeiro, Brasil alternativos. In:

DIEGUES, A. C. (Org.). Etnoconservação: novos rumos para a proteção da natureza nos trópicos. São Paulo: Hucitec LTDA. p. 1-46. 2000.

Gomes, A. T. A., Gomes, J. D. O. L., de Barros, G., & da Silva Mourão, J. IDENTIFICAÇÃO DA BIOTA ACOMPANHANTE POR MEIO DE TÉCNICA DE COLETA DE MARISCO (Anomalocardia brasiliensis) NO ESTUÁRIO DO RIO MAMANGUAPE–PB. In **CONGRESSO NACIONAL DE PESQUISA E ENSINO EM CIÊNCIAS** (Vol. 2). 2017.

GONÇALVES, Luzan Beiriz et al. Reaproveitamento de conchas de mariscos e resíduos da construção civil em Alagoas. **Caderno de Graduação-Ciências Exatas e Tecnológicas-UNIT-ALAGOAS**, v. 1, n. 1, p. 61-71, 2014.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

GUIMARÃES, Mauro; DE MEDEIROS, Heitor Queiroz. OUTRAS EPISTEMOLOGIAS EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL: o que aprender com os saberes tradicionais dos povos indígenas. **REMEA-Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental**, p. 50-67, 2016.

HAGUETTE, T. M. F. Metodologias qualitativas na sociologia . 10 ed. Rio de Janeiro: **Vozes**, 1987.

HANAZAK, N. Comunidades, conservação e manejo: o papel do conhecimento ecológico local. **Biotemas**, 16(1), 23-47.2003.

HANAZAKI, Natalia. **Ecologia de caixas: usos de recursos e dieta. 2001. 213 f. Tese (Doutorado em Ecologia)** - Universidade de Campinas, Instituto de Biologia, Campinas, 2001.
HARPER, Sarah et al. Valuing invisible catches: Estimating the global contribution by women to small-scale marine capture fisheries production. **PloS one**, v. 15, n. 3, p. e0228912, 2020.

HARPER, Sarah et al. Contributions by women to fisheries economies: insights from five maritime countries. **Coastal Management**, v. 45, n. 2, p. 91-106, 2017.

LITTLE, Paul E. Etnoecologia e direitos dos povos: elementos de uma nova ação indigenista. Etnodesenvolvimento e Políticas Públicas: Bases para Uma Nova Política Indigenista. Rio de Janeiro, Contra Capa Livraria/LACED, 2002.

LITTLE, Paul E. Territórios Sociais e Povos tradicionais no Brasil: por uma antropologia da territorialidade. **Série Antropologia**, Brasília, 2002.

LITTLE, Paul Elliot. Ecologia política como etnografia: um guia teórico e metodológico. **Horizontes antropológicos**, v. 12, n. 25, p. 85-103, 2006.

LIRA, G. M.; MANCINI FILHO, J.; SANT'ANA, L. S.; TORRES, R. P.; OLIVEIRA, A. C.; OMENA, C. M. B.; SILVA NETO, M. L. Perfil de ácidos graxos, composição centesimal e valor calórico de moluscos crus e cozidos com leite de coco da cidade de Maceió-Al. **Revista Brasileira de Ciências Farmacêuticas**, v. 40, n. 4, p. 529-237, 2004.

MARQUES, J.G.W. **Pescando Pescadores. Etnoecologia Abrangente no Baixo São Francisco**. São Paulo: NUPAUB/USP, SP. 304p. 1995.

MARQUES, J. G. Pescando pescadores: ciência e etnociência em uma perspectiva ecológica. 2. ed. NUPAUB, USP, São Paulo, Brasil, 258pp. 2001.

MARQUES, N. N. **Mulheres x cultura de subsistência**. Aracaju: Editora UFS, 1983.

MARQUES, J.G.W. O olhar (Des)Multiplicado. O papel do Interdisciplinar e do Qualitativo na pesquisa Etnobiológica e Etnoecológica. In: AMOROZO, M.C.L.; MING, L.C.; SILVA, S.P. (Ed.). Métodos de Coleta e Análise de Dados em Etnobiologia, Etnoecologia e Disciplinas Correlatas. Anais do I Encontro de Etnobiologia e Etnoecologia do Sudeste. São Paulo, SP: UNESP, p.31-46. 2002.

MACIEL, Roberto Tosta; DE JESUS SILVA, Josimara. LOMBALGIA E CAPACIDADE PARA REALIZAÇÃO DE ATIVIDADES DA VIDA DIÁRIA EM MARISQUEIRAS: UM ESTUDO TRANSVERSAL. **Revista Brasileira de Saúde Funcional**, v. 6, n. 1, p. 23-23, 2018.

MENEZES, A. M. F.; CAMPOS, Maria de Fátima Hanaque. PRÁTICAS EXTENSIONISTAS PARA O DESENVOLVIMENTO SOCIAL: UMA ANÁLISE DAS MARISQUEIRAS DA COMUNIDADE DE MANGUE SECO EM VALENÇA (BA). **RAÍZES E RUMOS**, v. 2, n. 2, p. 14, 2015.

MPP. Movimentos dos Pescadores e Pescadoras Artesanais. Campanha Nacional pela Regularização do Território das Comunidades Tradicionais Pesqueiras. **Folder de Divulgação. MPP**. Pernambuco, 2012.

NASCIMENTO, Gloria Cristina do. **Pesca artesanal em “currais”: um enfoque etnoecológico**. 2014. 157 f. **Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente)** – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2014.

NASCIMENTO, M.E.C.; NASCIMENTO, G.C.C.; CÓRDULA, E.B.L. Cultura e a oralidade nos contos tradicionais. **Revista Educação Pública**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 20, jun. 2014.

Nazarea, V. D. Introduction: a view from a point: Ethnoecology as situated knowledge. In: Nazarea, V. D. (ed.). Ethnoecology: Situated knowledge/located lives. The University of Arizona Press, Arizona, USA, p.3-20. 1999.

NEVES, José Luis. Pesquisa qualitativa: características, usos e possibilidades. **Caderno de pesquisas em administração, São Paulo**, v. 1, n. 3, p. 1-5, 1996.

NISHIDA, A. K. Etnoecologia de manguezais. In: Alves, A. G.; Lucena, R. F. P. & Albuquerque, U. P. (Eds). Atualidades em etnobiologia e etnoecologia. NUPEEA/Sociedade Brasileira de Etnobiologia e Etnoecologia, Recife, Brasil, p.183-194.2005.

PAZ, V. A.; BEGOSSI, A. 1996. Ethnoichthyology of Galviboafishermen of Sepetiba Bay, Brazil. **Journal of Ethnobiology**, v. 16, n. 2, p. 157-168. 1996.

PALHETA, Marllen Karine da Silva; CAÑETE, Voyner Ravena; CARDOSO, Denise Machado. Mulher e mercado: participação e conhecimentos femininos na inserção de novas espécies de pescado no mercado e na dieta alimentar dos pescadores da RESEX Mãe Grande em Curuçá (PA). **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas**, v. 11, n. 3, p. 601-619, 2016.

PALITOT, E. M. **Os Potiguara da Baía da Traição e Monte-Mór: história, etnicidade e cultura. João Pessoa:** UFPB, dissertação de Mestrado, 2005.

PEREIRA, Tatiana de Jesus Ferreira et al. Extrativismo de mariscos na ilha do Maranhão (MA): implicações ecológicas e socioeconômicas. **Revista de Políticas Públicas**, v. 21, n. 2, p. 831-853, 2017.

PRADO, H. M. and MURRIETA, R. S. S. Ethnoecology in perspective: the origins, interfaces and current trends of a growi, *Ambient. soc.* vol.18 no.4 São Paulo Oct./Dec. 2015.

PRADO, M. H. MURRIETO, S. R. A etnoecologia em Perspectiva: Origens, interfaces e correntes atuais de campo em ascensão. **Ambiente e sociedade**. São Paulo V.XVIII, n.4,p139-160. out-dez. 2005.

RAMOS, Natália. Espaços, culturas, identidades e saúde em comunidades marítimas e piscatórias: mulheres entre praias e marés. The overarching issues of the european space: rethinking socioeconomic and environmental problems, repositioning territorial development policies, p. 308-321, 2016.

Ribeiro, Berta G. (Berta Gleizer), 1924-1997 **O índio na cultura brasileira** / Berta Ribeiro. – 1. ed. – Rio de Janeiro: Fundação Darcy Ribeiro, 2013. 210 p.; 21 cm. – (Coleção biblioteca básica brasileira; 22).

RAMIRES, M.; MOLINA, S. M. G.; HANAZAKI, N. 2007. Etnoecologia caiçara: o conhecimento dos pescadores artesanais sobre aspectos ecológicos da pesca. **Biotemas**, v. 20, n. 1, p. 101-113.

RIOS, E.C. **Seashells of Brazil**. 2. Ed. Rio Grande: Editora da Fundação Universidade do Rio Grande. 492p. 1994.

RIOS, K. A. N. AS COMUNIDADES TRADICIONAIS PESQUEIRAS DA BAÍA DE TODOS OS SANTOS. **Mares: Revista de Geografia e Etnociências**, 1(1), 27-38. 2019.

RIOS, Kassia Aguiar Norberto; GERMANI, Guiomar Inez. O SABER-FAZER-SER PESCADOR ARTESANAL NO ESTADO DA BAHIA: PRODUÇÃO, COTIDIANO E CONFLITOS. **Seminários Espaços Costeiros**, 2016.

ROCHA, L. M.; PINKERTON, E. Comanagement of clams in Brazil: a framework to advance comparison. **Ecology and Society**, v. 20, n. 1, 2015.

SILVA, E. L. P. SENTIDOS TERRITORIAIS DA PROTEÇÃO SOCIAL NO LITORAL NORTE DA PARAÍBA. **Revista de Políticas Públicas**, v. 22, p. 1641-1664, 2018.

SILVA, Suana Medeiros. **Pesca Artesanal: a história, a cultura, e os (des) caminhos em Lucena/PB**. Dissertação, UFPB/DGEOC, Programa de Pós-Graduação em Geografia, João Pessoa-PB, 2012.

SOUZA, E. S. de. A Percepção Ambiental da Comunidade Indígena Tupinambá da Serra do Padeiro, Buerarema–BA. 2015.

SOUZA FILHO , B.; SANTOS, L. C. V. S. ETNOGRAFIA E TERRITORIALIDADE NA PESCA ARTESANAL NO PARQUE NACIONAL DOS LENÇÓIS MARANHENSES – O CASO DE ATINS. Vivência: **Revista de Antropologia**, v. 1, n. 53, 5 maio 2020.

TOLEDO, V.M.; BARRERA-BASSOLS; N. La Memoria Biocultural: La importância ecológica de las sabidurías tradicionales. Barcelona, Espanha: **Icaria Editorial**, 2008.

Toledo, V. M. **What is ethnoecology? Origins, scope and implications of a rising discipline.** **Etnoecológica**, 1: 5-21. 1992.

WINKERPRINS, A.M.G.A.; BARRERA-BASSOLS, N. Introduction: Ethnoecology. **Journal of Latin American Geography**, v. 4, n.1, p. 7-8, 2005.

ANEXO I - FORMULÁRIO PARA ENTREVISTA

Dados pessoais

1. Idade:

() menos de 14 () de 15 a 20 anos () de 21 a 26 anos () 27 a 32 anos () mais de 32 anos de idade.

Formação: () Analfabeto () Ensino Fundamental () Ensino Médio () Ensino Superior () outro.
Qual? _____

2. A Percepção Indígena sobre a Comunidade

Você reside nesta comunidade há quanto tempo.

() menos de 15 anos () de 16 a 30 anos () 31 a 45 anos () 46 a 51 anos () mais de 51 anos

Você gosta de morar aqui (na comunidade)?

() sim () não () um pouco () muito () não tenho opinião

Porquê?

3. Para você, como é a vida das pessoas aqui na comunidade?

() boa () muito boa () mais ou menos () não gosto () não tenho opinião

Por quê? _____

4. Saberes/Conhecimentos Socioambientais na Comunidade

O que você acha da mariscagem? _____

Como você identifica que pode coletar o marisco _____

Você acha importante para a comunidade essa atividade?

() sim () não () muito () não lembro () não tem opinião

O que você sabe sobre o molusco (marisco)? _____

E, de que modo, você aprendeu a pesca-lo? _____

Quais os métodos que mais você utiliza para pescar?

Você acha que causa algum impacto ao ecossistema aquático com essa atividade?

5. Conhecimento e Saberes Indígenas: representações, memória e significados (sociais, culturais e ambientais)

Você acha importante aprender os conhecimentos sobre a natureza?

sim () não () () muito pouco () muito () não tenho opinião. Por
quê? _____

Como você acha que pode colaborar para a preservação desse recurso natural?

Como você sabe que a maré está boa para pesca?

Na sua opinião, é importante ensinar aos mais jovens o conhecimento que os mais velhos adquiriram ao longo de suas experiências de vida?

() sim () não () pouco () muito () não tenho opinião Se, por
quê? _____

ANEXO II - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezada Senhora esta pesquisa é sobre “Etnoecologia da mariscagem: o cotidiano das mulheres indígenas na coleta do molusco *Anomalocardia brasiliana* na aldeia Potiguará Tramataia” e está sendo desenvolvida pela pesquisadora participante Liliane Monteiro Barbosa aluna do Curso de Bacharel em Ecologia da Universidade Federal da Paraíba, sob a orientação do pesquisador responsável Prof. Dr. Anderson Alves dos Santos. Os objetivos do estudo são descrever os procedimentos de pesca realizados pelas marisqueiras, discutir sobre o conhecimentos tradicional local com enfoque na preservação do molusco *Anomalocardia brasiliana*, debater sobre condição pesqueira do molusco considerando a sazonalidade da produção e demais fatores sociais e econômicos, analisar os locais e impactos causados pela captura do molusco *Anomalocardia brasiliana*.

A justificativa da pesquisa é contribuir com o conhecimento tradicional desenvolvidos nas atividades de pesca das marisqueiras interligando o saber científico ao conhecimento local tradicional, e por ser uma das atividades realizada por uma das comunidade do povo a qual eu pertença, os Potiguaras.

Os procedimentos de coleta de dados serão entrevistas estruturadas, assim como acontecerá um período de vivência na aldeia com as marisqueiras, ida ao local de coleta da atividade de mariscagem para observações e por fim redação dos dados da pesquisa. Informamos que a única pessoa que fará contato com as marisqueiras será a pesquisadora participante que também é indígena.

A finalidade deste trabalho é contribuir para conhecimentos e dados científicos para academia, como também para a valorização e colaboração da comunidade indígena estudada, valorizando o conhecimento tradicional local e trazer possíveis medidas de conservação dos recursos naturais utilizados por eles.

Solicitamos a sua colaboração para realizar entrevistas e questionários, gravação de áudios e fotografias como também sua autorização para apresentar os resultados deste estudo em eventos acadêmicos e publicar em revista científica. Por ocasião da publicação dos resultados, seu nome será mantido em sigilo. Informamos que essa pesquisa não deve oferecer riscos previsíveis para

a sua saúde, ainda assim, é compromisso dos envolvidos nessa pesquisa adotar todas as medidas preventivas e orientações em acordo com os órgãos oficiais de saúde pública e em específico dos órgãos responsáveis pela saúde indígena no decorrer da elaboração desse estudo. Informamos também que as imagens e demais dados coletados serão utilizados exclusivamente para fins de pesquisa científica.

Comunicamos que a presente pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), composto por um colegiado multi e interdisciplinar e independente. O CEP é responsável pela avaliação e acompanhamento dos aspectos éticos de todas as pesquisas envolvendo seres humanos, visando a dignidade, os direitos, a segurança e bem-estar dos participantes da pesquisa atuando em conjunto com a Comissão Nacional de Ética em Pesquisa – CONEP do Conselho Nacional de Saúde do Ministério da Saúde. Esclarecemos que sua participação no estudo é voluntária e, portanto, a senhora não é obrigada a fornecer as informações e/ou colaborar com as atividades solicitadas pelo Pesquisador(a). Caso decida não participar do estudo, ou resolver a qualquer momento desistir do mesmo, não sofrerá nenhum dano.

Portanto, caso aceite e possa participar da presente pesquisa, solicitamos assinalar uma das alternativas abaixo correspondentes à autorização ou não autorização da divulgação da sua imagem e/ou voz:

() Sim, autorizo a divulgação da minha imagem e/ou voz;

() Não, não autorizo a divulgação da minha imagem e/ou voz.

Os pesquisadores estarão a sua disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário em qualquer etapa da pesquisa. Diante do exposto, declaro que fui devidamente esclarecido(a) e dou o meu consentimento para participar da pesquisa e para publicação dos resultados. Estou ciente que receberei uma via desse documento.

Assinatura do Participante da Pesquisa ou Responsável Legal

Contato do Pesquisador Responsável: Caso necessite de maiores informações sobre o presente estudo, favor ligar para o pesquisador Anderson Alves dos Santos Endereço: (Setor de trabalho) Laboratório de Análises Geoambientais - LAGeo, Centro de Ciências Aplicada e Educação - CCAE, Universidade Federal da Paraíba - Campus IV, Telefone: (83) 98772-5947 Ou Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal da Paraíba Campus I - Cidade Universitária - 1o Andar – CEP 58051-900 – João Pessoa/PB (83) 3216-7791 – E-mail: comitedeetica@ccs.ufpb.br

Atenciosamente,

Assinatura do Pesquisador Responsável

Obs.: O sujeito da pesquisa ou seu representante e o pesquisador responsável deverão rubricar todas as folhas do TCLE apondo suas assinaturas na últimapágina do referido Termo.